

política

é boa para o RS e o Brasil, diz Gabriel

Perfil



FOTOS: GABRIEL SILVA/ESPECIAL/JC

Gabriel Souza é médico-veterinário formado pela Ulbra. Atualmente, cursa doutorado em Administração Pública pela Universidade de Lisboa, Portugal, e no IDP, Brasil. É mestre em Direito Empresarial e Cidadania pela Unicuritiba e especialista em Gestão Pública pela UCDB. Possui formação executiva pela Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard (EUA), pelo Insper (SP), pela Fundação Getulio Vargas (FGV-Rio) e pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina. Nascido em Porto Alegre, em 2 de

janeiro de 1984, Gabriel cresceu em Tramandaí, no Litoral Norte, onde iniciou sua trajetória na vida pública ainda na adolescência, como líder estudantil. É casado com Talise Tiecher e pai de Dora. Foi deputado estadual por dois mandatos na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde exerceu funções como presidente do Parlamento, líder do governo e líder da bancada do MDB. Atualmente, é vice-governador do Estado e candidato da situação ao governo do Rio Grande do Sul.

que é muito técnica, sobre voltar ao regime posteriormente, porque o benefício do Propag é a diminuição do juro, e o benefício do RRF é a inclusão das dívidas garantidas. Se eu não tiver as dívidas garantidas dentro da eventual prorrogação do Funrigs, eu vou ter um 'Funrigzinho', e não um 'Funrigzão', do jeito que é hoje, porque hoje estão as dívidas garantidas, porque estamos no regime. Acho que é possível entregar para o próximo governador, lá no início de 2031, um Estado que saia do equilíbrio fiscal frágil para um equilíbrio fiscal mais sólido.

JC - O governo tem promovido concessões rodoviárias, que têm sido alvo de críticas. Caso eleito, pretende manter ou acredita que mudanças são necessárias?

Gabriel - Acredito em duas coisas: primeiro, nas concessões para a gente poder viabilizar investimentos; e acredito no diálogo. Concessões para atrair investimento privado, e sou o único candidato que

fala com sinceridade sobre esse tema, com o devido respeito aos demais postulantes, porque todos os demais criticam, mas não apresentam alternativa. Como é que os meus adversários vão viabilizar bilhões de reais de investimentos em rodovias? Com dinheiro do Tesouro? Em 40 anos, o Daer duplicou 50 quilômetros, e inúmeros governos passaram nas últimas quatro décadas. Pega a EGR, e você tem 14 anos da EGR, e um pouco mais de 7 quilômetros duplicados. O modelo está errado, porque o modelo da EGR é o seguinte: o Estado decidiu conceder rodovias, no governo Tarso (Genro, 2011-2014), do PT, e o fez para quem? Para ele mesmo. Não tem como funcionar. E aí um adversário diz: 'ah, mas por que o Gabriel, então, que tanto critica esse modelo, não terminou com a EGR, junto com o governador Eduardo?'. Como consigo terminar com a EGR? Quando eu consigo tirar as rodovias dela. Se tirar as rodovias da EGR e

não repassar para a iniciativa privada, para onde elas irão? Para o Daer? Porque daí só piora a situação, porque o Daer tem 11 mil quilômetros de rodovias a administrar e, naturalmente, o orçamento do Estado não contempla todos os investimentos necessários. Então, o que quero dizer é que a nossa infraestrutura é incompatível com a capacidade de produção. Precisamos de duplicações, e é exatamente por isso que as concessões são um jeito de atingi-las.

JC - O senhor tem proposto o que chama de "o maior programa de ensino técnico da história do RS" utilizando os recursos do Propag. Como pretende colocar em prática esse projeto?

Gabriel - Já estamos colocando, na verdade. Isso é muito importante, esse assunto, porque um dos grandes gargalos da economia nacional, e não só do Estado, é a questão da mão de obra. Temos aqui uma situação em que você tem 4%

de desemprego no RS, que é um dos menores índices de desemprego da história, e tu tens uma situação em que há falta de mão de obra do ponto de vista da disponibilidade, e também, em muitos setores, a ausência de qualidade necessária para poder viabilizar produtividade maior. O que eu quero dizer com isso? Que quero fazer um programa para que o jovem saia do Ensino Médio com uma dupla formação. Esse programa, na verdade, já iniciou esse ano. Aumentamos de 5 mil para 50 mil matrículas no Ensino Médio em tempo integral. Por que em tempo integral? Porque não tenho como botar ensino técnico no Ensino Médio se não for em tempo integral, pelo simples fato de horas na escola. No Ensino Médio em tempo integral, vamos ter o estudante nove horas na escola diariamente, com cinco refeições diárias sendo servidas. Então, consigo oferecer um curso técnico para o estudante, e começamos no nosso governo desde este ano: todos os estudantes gaúchos, do primeiro e do segundo ano do Ensino Médio em tempo integral, têm ensino técnico integrado. É um curso de mil horas a 1,2 mil horas, e esse curso técnico funciona como uma dupla formação, porque o jovem sai do Ensino Médio com profissão. Esse programa já iniciou no governo atual, e no governo Gabriel Souza quero viabilizar um aumento exponencial dessas vagas, porque, com esse recurso do Propag - e estou dizendo de onde é que eu vou tirar o dinheiro -, vamos liberar, no orçamento, algo em torno de R\$ 600 milhões por ano para investimento no ensino técnico.

JC - E de que forma pretende utilizar esses recursos?

Gabriel - De três formas. Primeira forma: vamos comprar vagas no Sistema S - Senac, Senai, Senar. Vamos fazer parceria com o Sistema S para poder viabilizar oferta de vagas de alta qualidade de ensino técnico para os nossos jovens. Segunda: parceria com universidades comunitárias, principalmente a PUC, a Unisinos, a Unijuí, a UPF, a UCS, a Universidade Católica de Pelotas, a Franciscana de Santa Maria, e assim por diante. São universidades comunitárias que o Estado possui, que podem fornecer ensino técnico. Quero fazer um programa também de ensino técnico na Uergs; tem inúmeros campus no Interior. E, por fim, qualificar a rede de escolas de Ensino Médio em tempo integral, aumentando o número de matrículas. Vamos sair de 21% para 50%

de matrículas no Ensino Médio em tempo integral, e vamos aumentar mais 80 mil vagas de ensino técnico. Estou dando uma meta: 80 mil vagas a mais de ensino técnico, dizendo como que farei essas vagas. Não vou, a princípio, construir novas escolas técnicas, porque não há necessidade. Temos uma rede de escolas técnicas tradicionais, entre ETAs, que são as (escolas) técnicas agrícolas, e as escolas técnicas como o Parobé, aqui em Porto Alegre, que é tão tradicional, que tem mais de 200 escolas no RS.

JC - Na proteção contra cheias, o governo tem sido criticado por demora nas obras. Seguindo o atual planejamento, orientado pelo Plano Rio Grande, quando os gaúchos poderão se sentir efetivamente seguros?

Gabriel - Não são só cheias que vêm oriundas de inundações e enchentes. São também ventos, ciclones-bomba, ciclones dos mais diversos tipos que o gaúcho desconhecia que existia. Tenho 42 anos e nunca tinha visto tornado no RS, e tivemos dois este ano. Então, não é só chuva, é mudança climática de maneira ampla, na medida que a força da natureza é muito violenta, muitas vezes, nesses eventos. E mais: também tem a seca, que também é oriunda da mudança climática. Me preocupo quando vejo meus adversários criticando tudo que estamos fazendo no Plano Rio Grande, que é o plano de reconstrução do RS. O Plano Rio Grande tem 240 ações, políticas e obras que já foram entregues ou estão em andamento ou estão por iniciar, sendo elaborados os projetos. Por que me preocupo? Porque quem critica vai chegar no governo, se eventualmente for eleito, e mudaria tudo. Mudaria as equipes, mudaria os projetos, mudaria as concepções, mudaria o rumo, e isso viabilizaria o quê? Ai, sim, teríamos atraso nas obras. Isso é muito preocupante para o eleitor, para a eleitora, que quer se sentir seguro o mais rápido possível, não é verdade? Então, esse é o primeiro ponto que destaco. A segunda questão é a seguinte: tem muito oportunismo. Acho legítima a angústia das pessoas, mas fico triste quando vejo políticos, candidatos a cargos eletivos, e em especial meus adversários, que se usam das dores das pessoas para tentar ganhar voto. O Estado está fazendo agora projetos para construção de novos 150 quilômetros de diques. Esses diques vão ter 7,6 metros de altura em muitos pontos, quase 8 metros de altura.